

# OS MÊBÊNGÔKRE DE SÃO FÉLIX DO XINGU

## THE MÊBÊNGÔKRE OF SÃO FÉLIX DO XINGU

Edson de Freitas **GOMES**<sup>1</sup>

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)

**Resumo:** O objetivo do trabalho é mostrar como aconteceu o processo de formação histórica dos Mêbêngôkre, localizados no Sul do Pará entre os rios Xingu e Araguaia. Os dados coletados para o trabalho vêm de diferentes fontes bibliográficas, como teses de doutorado, dissertações de mestrado, da área de Linguística e de Antropologia; dados de órgãos governamentais, ONGs e recortes de jornais, além de relatos de falantes da língua para o autor nas conversas em aldeias, durante estadas do pesquisador. Falar sobre os Mêbêngôkre de São Félix do Xingu é uma forma de identificá-los dentre os grupos Mêbêngôkre, localizados no norte do Mato Grosso, grupos que assim como os Gorotire são chamados de Kayapó, e os Xikrin, localizados em Parauapebas e Altamira, grupo que não é considerado Kayapó, mas que é Mêbêngôkre; e alguns grupos considerados extintos como o Irã'amrãire e Kararaô. Há a menção aos possíveis desdobramentos do contato com a sociedade branca.

**Palavras-chave:** Aldeias. Mêbêngôkre /Gorotire. Período do ouro e da madeira. Reservas indígenas.

**Abstract:** The aim of this work is to show how the process of historical formation of the Mêbêngôkre, located in the South of Pará between the Xingu and Araguaia rivers, took place. The data collected for the study come from different bibliographical sources, such as PhD theses, master's dissertations, from the area of Linguistics and Anthropology; data from government agencies, ONGs and newspaper clippings, as well as reports of language speakers to the author in village conversations during the researcher's stays. Talking about the Mêbêngôkre of São Felix do Xingu is a way of identifying them among the Mêbêngôkre groups, located in the north of Mato Grosso, groups that like the Gorotire are called Kayapó, and the Xikrin, located in Parauapebas and Altamira, group that is not considered Kayapó, but it is Mêbêngôkre; and some groups considered extinct as Iran'amrãire and Kararaô. There is mention of the possible unfolding of contact with white society.

**Keywords:** Indian reservations. Mêbêngôkre/Gorotire. Period of gold and wood. Village.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2005), mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária – UFPA (2013) e está cursando doutorado em Linguística na UFPA. Atualmente é professor Assistente I da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: [edsongomes@unifesspa.edu.br](mailto:edsongomes@unifesspa.edu.br)

## 1 Introdução

Este artigo tem o objetivo de mostrar como ocorreu a formação histórica dos Mëbêngôkre da reserva Gorotire, localizada na região Sudeste do Pará, desde 1800, quando estes foram contactados na região como um grande grupo, até a configuração identificada na atualidade, já divididos em grupos menores dispersos ao longo dos rios da região. Agora com acentuado contato com a sociedade envolvente.

Utilizou-se, para a confecção deste artigo, de trabalhos realizados sobre o tema, como teses de doutorado, dissertações de mestrado, dados de órgãos governamentais, ONGs e recortes de jornais, além de relatos de moradores de aldeias da reserva Gorotire para o autor nas conversas em aldeias, durante estadas do pesquisador para coletar dados da língua para a sua pesquisa de doutorado.

O artigo está estruturado em seis seções: (i) Introdução; (ii) Do cerrado ao Sudeste do Pará, seção que pretende falar sobre a migração dos Mëbêngôkre/Gorotire para o oeste; (iii) Os Gorotire, em que será falado sobre a cisão do grupo; (iv) Período do ouro e da madeira, em que se pretende relatar um pouco da história da ocupação predatória da reserva; (v) Realidade atual das aldeias Mëbêngôkre/Gorotire, seção dedicada a mostrar um pouco do cenário atual do povo; e (vi) Conclusão.

## 2 Do cerrado ao Sudeste do Pará

Um fato que viria determinar a migração de muitas etnias indígenas, do cerrado brasileiro para várias regiões do Brasil, foi a descoberta de ouro nas cabeceiras do rio São Francisco, na região chamada de sertão, no final do século XVII, pois até esse período o que existia de governo lusitano no Brasil se limitava ao litoral.

A esse respeito, Caldeira (2017, p. 134) comenta que:

Foi nessa época que se deu a viagem de Artur de Sá e Menezes. Governantes e moradores tinham plena consciência do que o levaria ali: a existência de veios significativos de ouro. Por causa dessa descoberta, passaria a ser outro o relacionamento consolidado entre a população que vivia por conta própria e a autoridade real que se mantivera distante.

O interesse real em se apropriar da região onde existia o ouro fez que fossem adotadas medidas, a fim de garantir a efetiva apropriação das minas descobertas. Isso significava dizer que o poder real determinaria a apropriação de extensas áreas do sertão adentro, o que antes eram ocupadas por moradores das vilas, aventureiros e populações nativas. O que pode ser observado em Caldeira (2017, p. 140):

o rei, empregando seus poderes sobre o território da capitania de São Paulo adquiridos do donatário, criou a capitania de Goiás e instalou um governo com autoridade amparada por tropas. O mesmo aconteceu em Mato Grosso, também separado da capitania de São Paulo após a descoberta do ouro, e com o Distrito Diamantino, separado da capitania de Minas Gerais e administrado diretamente pela coroa.

A partir dessa informação, torna-se compreensível a situação por quais passaram as populações indígenas que habitavam essas vastas regiões. Forçadas a migrar do cerrado, etnias como os Kaingang se dispersaram em direção ao Sul do Brasil. Já os Kayapó<sup>2</sup> que habitavam a parte mais ao norte do cerrado, entre o rio Tocantins e o rio Araguaia, foram forçados a migrarem para o oeste, em direção ao rio Xingu. Hoje os Mëbêngôkre estão localizados em área entre a floresta tropical e o cerrado, com os Capoto/Jarina localizados no extremo Norte Mato Grosso e os Gorotire no Sudeste do Pará.

Em suas narrativas, os Mëbêngôkre fazem alusão aos ataques que sofreram com arma de fogo quando do confronto com caçadores de escravos portugueses, num primeiro momento e, posteriormente, com pessoas interessadas em se apossar das suas terras, a fim de estabelecerem empreendimentos, com interesses comerciais. Esses fatos fizeram com que, segundo Turner (1992, p. 327):

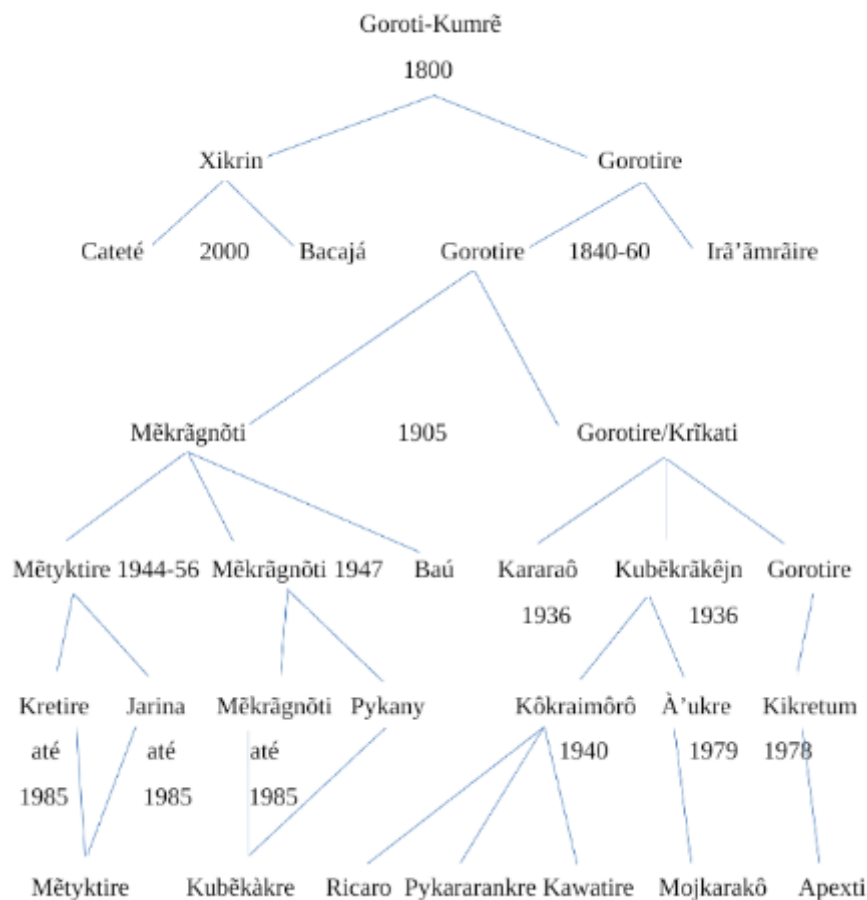
Os Gorotire se dividiram por volta da virada do século. Um de seus segmentos foi para o oeste do Xingu e tornou-se o ancestral das várias comunidades contemporâneas de Mekrangôti e Mentuktire do Xingu. O resto do grupo permaneceu no local original da aldeia perto da cachoeira da Fumaça, no Riozinho do Anfrísio, um tributário da margem leste do Xingu.

De acordo com Lea (2012, p. 62), desde 1800 os Mëbêngôkre passam por um processo de cisão de suas grandes aldeias, resultando no formato mostrado abaixo, com a criação de muitas pequenas aldeias ao longo dos rios.

---

<sup>2</sup> Vale lembrar que os termos Kayapó e Mëbêngôkre se referem ao mesmo povo. Preferimos fazer uso do segundo por ser esta a forma como esses costumam se identificar, enquanto que a primeira foi dada pelo homem branco no momento do contato.

Mapa 1: divisão dos Mëbêngôkre.



Fonte: Lea (2012), [com adaptações].

O confinamento dos Mëbêngôkre/Gorotire na região do Sudeste do Pará foi uma alternativa, em um primeiro momento, encontrada pelo povo para evitar o contato com o colonizador, pois, do contrário, poderiam ter sido dizimados, se não por ataques com armas de fogo, mas por epidemias, já que não tinham imunidade contra as doenças do homem branco. Os Irã'ãmrãire que aceitaram o contato pacífico com os brancos em pouco tempo foram extintos pelos motivos mencionados acima.

Em se tratando dos Gorotire, a migração aconteceu em duas etapas. A primeira foi migração para o oeste que se deu com a separação desse dos outros grupos Mëbêngôkre que ficaram na região do Araguaia-Tocantins, e a segunda, desta região em direção ao rio Xingu e seus afluentes, o que resultou na criação de muitas aldeias, mas pouco populosas. Esta migração possibilitou a futura criação de uma reserva relativamente maior.

### 3 Os Gorotire

Desde 1500, quando se iniciou o período de colonização do Brasil pelos portugueses e muitas etnias tiveram que adentrar o território para não serem capturadas, os Mëbêngôkre se refugiaram na região do Sudeste do Pará e Norte do Mato Grosso e aí conseguiram se manter em relativo isolamento das frentes de colonização e dos empreendimentos extrativistas. Foi somente na década de 1940 que os Gorotire e, na de 1950, os Kayapó, foram pacificados (TURNER, 1991).

Os Gorotire são resultado da divisão de um grupo maior chamado de Pykatôti, que, em razão de acometimentos por epidemias e outros males advindos do contato com o mundo “civilizado”, quase foram dizimados. Este grupo, que recebeu assistência de missionários e do SPI, foi instalado no atual território em 1947, passando a habitar em casas construídas em fileiras em uma rua que descaracterizaria o formato tradicional do povo.

Em 1900, os Mëbêngôkre/Gorotire habitavam a aldeia Pykatôti no cerrado, nas proximidades da cabeceira do rio Riozinho, com aproximadamente 2.000 pessoas (LEA, 2012, p. 63), quando houve uma cisão e se dividiram em três grupos: Kararaô, Kubëkrākênh e Gorotire. Ficando os dois últimos na região e o Kararaô indo para as proximidades do atual município de Altamira, hoje já são considerados extintos.

Pode-se observar no mapa acima que, de um grupo maior em 1800, houve divisão em dois grupos: Xikrin e Gorotire. Entre 1840 e 1860, o grupo dos Gorotire se dividiu em Gorotire e Irã’ãmrãire (este já extinto). Em 1905, os Gorotire se dividiram em Mëkrãgnôti e Gorotire/Krĩkati. Este último, em 1936, se dividiu nos Kararaô (extinto em 1970), Kubëkrākênh e Gorotire.

A partir da aldeia Kubëkrākênh se formou, em 1940, a aldeia Kôkraxmôro, esta possivelmente uma formação de Mëkrãgnôti e Gorotire<sup>3</sup>, no rio Xingu, e, em 1979, a aldeia À’ukre, no rio Riozinho, ao passo que da divisão dos Gorotire se formou, em 1978, a aldeia Kikretum, no rio Fresco. Estas aldeias ainda hoje contam com uma população grande, em torno de 400 habitantes cada uma (FUNAI, 2012; SESAI, 2016).

Embora o mapa de Lea (2012) mostre a divisão dos Gorotire/Krĩkati até as aldeias Kôkraxmôro, À’ukre e Kikretum, estas também passaram mais recentemente por divisões, com a criação de novas aldeias. Da Kôkraxmôro surgiram, subindo o rio Xingu: Ricaro,

---

<sup>3</sup> Em comunidades como Mekrangôti e Kokraxmôro, os ataques a povoados brasileiros começaram a ser feitos uma ou até duas vezes a cada ano. Devido aos ataques Kayapó, povoados brasileiros foram varridos ou abandonados em grandes áreas ao longo da margem leste do Tapajós até o início da década de 1950. Turner (apud CUNHA, 1992, p. 328).

Pykararankre, Kawatire e uma que ainda desconhecemos o nome. Entre os rios Xingu, Fresco e Riozinho há as aldeias Krimejnu, Pity e mais uma ou duas. Da À'ukre surgiu a aldeia Moxkàràkô e mais cinco aldeias pequenas, todas descendo o rio Riozinho. E, da aldeia Kikretum, foi criada a Apexti, descendo o rio Fresco.

Os dados populacionais não são muito precisos, mas os Mëbêngôkre/Gorotire são considerados uma das etnias mais populosas do Brasil. Dados da Funasa (2011) mostram que esse povo está localizado nos municípios de Bannach, Cumaru do Norte, São Félix do Xingu e Ourilândia do Norte, em uma área de 3.284.005 ha, com uma população de 4.536 habitantes. E, de acordo com Gomes (em andamento), em apenas sete aldeias visitadas pelo pesquisador, sendo três grandes e quatro pequenas, há uma população de 1.677 habitantes<sup>4</sup>.

#### 4 Período do ouro e da madeira

Mas o ouro que provocou a migração forçada dos Mëbêngôkre do cerrado também reluziria nas terras dos Gorotire nos anos 1980, pois, com a descoberta do ouro e a criação dos garimpos Maria Bonita, Projeto Cumaru e Santillo, teve início o ciclo de exploração de ouro e também de madeira na área indígena, que levaria líderes indígenas como Tutu Pombo, Payakân e Tapiêt a acumularem fortunas, em detrimento da floresta e dos rios que fazem parte da reserva, que foram atingidos pela contaminação de resíduos como o mercúrio.

O povoamento da região está associado aos ciclos de exploração da borracha na segunda metade do século XIX e do ouro em Serra Pelada na década de 80 do século XX. “A descoberta do ouro no início de 1980 e a política oficial de liberação das áreas de pesquisa mineral para a garimpagem provocaram uma explosão do ciclo migratório, sua população crescendo para 20.000 pessoas em menos de dois meses”. (BECKER, 1997, p. 77)

Esses acontecimentos foram os principais responsáveis pela vinda de grandes levas de trabalhadores do Nordeste e Centro-Oeste, e também de outras áreas, como a região Sul do Brasil, para a Amazônia. A construção da rodovia Belém-Brasília na década de 60 e da rodovia transamazônica na década de 70, século XX, durante o governo militar, impulsionaram ainda mais o deslocamento de milhares de imigrantes para essa região, à procura de trabalho, com o sonho de encontrar na selva amazônica um futuro promissor. De acordo com dados publicados pela UFPA (2011, p. 14):

---

<sup>4</sup> Dados fornecidos por funcionários da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) localizada nas aldeias.

Nenhuma outra região do estado sofreu, nas três últimas décadas, tantas mudanças ambientais, sociais, econômicas e políticas quanto o Sudeste Paraense. Os principais fatores que causaram as mudanças foram: políticas governamentais executadas por diversos órgãos das esferas federal e estadual; a valorização dos recursos naturais pela lógica do grande capital; a descoberta e exploração de recursos minerais; a abertura de rodovias; a reapropriação da terra por fazendeiros e camponeses; o desmatamento excessivo; a chegada da indústria madeireira; e o avanço da agropecuária.

Vale ressaltar que o Sudeste do Pará possui em seu subsolo vasta riqueza mineral, que atraiu grandes projetos multinacionais para essa parte do estado, e que a migração de brasileiros de outras regiões do Brasil foi uma estratégia planejada pelo governo federal para formar reserva de mão de obra disponível para o trabalho local. Como consequência da intensa migração para a região, a composição da população apresenta características peculiares que a diferenciam do restante do estado.

Além disso, favoreceu o fato de a região estar localizada próxima ao oceano Atlântico, o que facilita o acesso e o escoamento dos minérios. “[...] a região apresenta uma fantástica riqueza mineral [...] as mais importantes descobertas, até o momento, são as da província metalogênica da Amazônia Oriental, localizada entre os rios Araguaia e Xingu, no Sul do Pará.” (BECKER, 1997, p. 64-65). Além disso, a reserva está localizada no chamado arco do desmatamento.

A partir daí surgiram conflitos pela exploração do ouro nos garimpos das terras indígenas, pois, de um lado, os indígenas reivindicavam o aumento de sua reserva e, de outro, as empresas que exploravam o minério reivindicavam a diminuição das reservas para poderem exercer a atividade econômica nas áreas indígenas. Nas palavras de um deputado federal da época, veiculadas no jornal *O Liberal*, de 7 de agosto de 1985, pode-se perceber o descontentamento dos garimpeiros pelo constante aumento das demarcações: “em 1945, através de decreto estadual, os índios Gorotire-Caiapó tiveram sua reserva delimitada em 898 mil hectares. O traçado foi modificado em 1961, a área cresceu para 2.738,085. E, por fim, neste ano<sup>5</sup>, estabeleceram-se 3.239.000 hectares.”.

A pressão que os povos indígenas sofrem para continuarem donos das reservas é muito grande. É preciso manter postos de vigilância constantes e também a construção de novas pequenas aldeias, a fim de garantir a área sob relativo controle frente a todo tipo de interesse de exploração, seja por empresários em busca de lucros ou por trabalhadores em busca da sobrevivência, visto que é corrente

---

<sup>5</sup> 1985.

a invasão de terras indígenas por pessoas pobres que se aventuram nos garimpos; ou pela pressão de empresários que procuram terras baratas, argumentando que tornarão produtivas as terras indígenas “ociosas”, de madeireiros que exploram madeiras em terras indígenas, ou mesmo de posseiros que entram em terras que julgam abandonadas [...] Há também terras indígenas submetidas à ação de projetos de assentamento de colonos, estradas, ferrovias e linhas de transmissão, inundações por represas de hidrelétricas e ainda a contaminação de rios por mercúrio proveniente de garimpos, agrotóxicos e outros elementos que comprometem a sobrevivência física e cultural dos grupos. (LOUREIRO, 2009, p. 130-131).

Nesse interim, os Gorotire foram sendo inseridos no processo de exploração da região, pois, suas terras foram sendo objeto de disputas dos diversos grupos de interesses comerciais, descritos acima, o que fez com que lideranças fizessem acordos, a fim de garantir que parte dos recursos provenientes da exploração do ouro e da madeira fossem revertidos em favor dos indígenas.

Em 1979, por motivo de briga entre Tutu e Kanhonk, os Gorotire se dividiram, e o grupo do coronel Pombo criou a aldeia Kikretum no rio Fresco. Esse cacique assinou contrato com empresa de garimpagem (LEA, 2012, p. 66), sem anuência da Funai, e permitiu que se explorasse ouro na terra indígena. O coronel Pombo, que era “Considerado o terror dos garimpeiros e madeireiros que se aventuravam na reserva indígena, juntou uma fortuna de US\$ 6 milhões, incluindo dois aviões e três fazendas”, além de casas em Tucumã, Redenção e Belém. O poder econômico do coronel e de seus familiares chegou ao ponto de manterem empregados brancos para fazerem os serviços domésticos.

Além do ouro, havia também a exploração de madeira nas reservas indígenas dos Mëbêngôkre. Nesse período, além de receberem porcentagem pela extração do ouro e da madeira, os Mëbêngôkre também aceitavam em troca a construção de casas de alvenaria, como no caso da aldeia Kôkraxmôro, toda em alvenaria, e aviões. O cacique Paulinho Payakân chegou a possuir dois aviões e o seu próprio piloto. Essa situação pode ser vista abaixo:

Os caiapós, uma das nações indígenas mais ricas do Brasil, são acusados no relatório da Polícia Federal de estarem faturando Cr\$ 2 milhões mensalmente com a exploração de garimpo e outros Cr\$ 20 milhões pela venda de madeira nobre, graças a contrato feito entre a madeireira Maginco, uma das maiores da Amazônia, com os caciques da aldeia Caiapó Kokraxmoro encabeçados pelo chefe Francisco Xavier Caiapó (JB, 1990, p. 15).

Conforme pudemos observar quando estivemos na aldeia Kikretum, em 2016, existe uma casa grande na aldeia que pertencia ao coronel Tutu Pombo Kayapó, que se destaca das



demais casas que são em formato de palha, pois é toda em alvenaria. Ali o coronel viveu o tempo do esplendor do ouro. Hoje, conforme observamos e pelos relatos ouvidos, a exploração de ouro ocorre de forma ilegal nos rios Fresco e Branco, com a concessão de alguns caciques que sucederam o coronel.

Quanto aos benefícios gerados pela exploração do ouro e de madeira das terras dos Gorotire, não temos informações mais precisas, mas pelas informações colhidas nos meios de informação citados e pelas informações que conseguimos de alguns informantes, apenas os caciques que controlavam a exploração é que auferiram vantagens, mas, por falta de administração dos recursos, em pouco tempo já não resultava muita coisa, principalmente após a morte de Tutu Pombo Kayapó, em 1992.

Pelo menos nas aldeias Gorotire que conhecemos e as pessoas que moram ou moravam nelas, não conseguimos ver nenhuma comprovação material que seja resultado de benefícios provenientes da exploração de tais riquezas. Inclusive a aldeia Kikretum, que é a aldeia do coronel Pombo, não se difere das demais, uma vez que a população vive em condições tais quais vivem os demais indígenas Gorotire.

As casas de alvenaria, predominantes na aldeia Kôkraxmôro, que foram construídas na época da exploração da madeira, que poderiam ser consideradas benefícios, estão em estado deplorável, e já há previsão de construção de outras casas na aldeia<sup>6</sup>, porque as de alvenaria estão caindo. No entanto, é possível que na época da exploração dos recursos das terras Gorotire, os indígenas tivessem assistência como atendimento médico, viagens em transporte próprio, como resultado da riqueza gerada, mas pelo que parece isso não foi o suficiente para se dizer que tiveram benefícios satisfatórios a ponto de justificar tamanha agressão ao meio ambiente e aos seus modos de vida.

## 5 Realidade atual das aldeias Mêbêngôkre/Gorotire

Hoje existem mais de 20 aldeias Gorotire, a maioria delas com populações com menos de 100 habitantes, chegando algumas a ter apenas membros diretos de uma família, fato que não era comum antes da pacificação, uma vez que as aldeias tinham pelo menos 1.000 habitantes, o que representava a capacidade de liderança do chefe, que por meio do seu poder de persuasão evitava que as aldeias se dividissem (TURNER, 1992). O quadro abaixo mostra a população de algumas aldeias Gorotire na atualidade.

---

<sup>6</sup> Tivemos a oportunidade de ver a equipe de uma construtora que esteve na aldeia no dia 22 de março de 2018, a fim de acertar os detalhes para a construção das casas.

Tabela 1: População de aldeias de São Félix do Xingu

<b>Localidade</b>	<b>População</b>
Kôkraxmôro	348
Ricaro	74
Kawatire	72
Pykararankre	125
Apexti	87
Kikretum	469
Ngômeiti	66
Mojkàràkô	440
Krimejnu	43
Kremajti	55
Kratykrere	42
Ngôjamoroti	45
Tepdjoti	83
Kruwanhongô	58
<b>Total</b>	<b>2.007</b>

Fonte: Funai (2012); Siasi/Sesai (2016).

O modo de vida tradicional varia de uma aldeia para outra, mas em geral muito já se perdeu após o contato com o branco e a adoção de hábitos antes peculiares a este. O estilo de vida nômade deu lugar ao sedentarismo, como pode ser observado nas palavras de Turner (1992, p. 323), segundo o qual “as aldeias Kayapó antes da pacificação tendiam a mudar-se regularmente a cada período de dois a cinco anos. Uma mesma comunidade podia ter até uma dúzia de locais de aldeamento, e ocupar a maioria deles ao longo de um período de vinte anos.”.

Atividades tradicionais como a caça e a pesca, por exemplo, ainda sobrevivem em concorrência com o consumo de alimentos industrializados de toda ordem. A respeito do

consumo de alimentos industrializados pelos Mëbêngôkre, na tese de Costa (2015, p. 22), há a menção a essa mudança:

Atualmente, o consumo de alimentos industrializados e o intenso consumo de açúcar têm gerado sérios problemas à saúde dos Xikrín do Cateté<sup>7</sup>, como os inúmeros casos de pessoas com diabetes. Há necessidade urgente de realização de campanhas educativas que esclareçam sobre o consumo de alimentos industrializados e o perigo que podem causar à sua saúde.

Quando estávamos na aldeia Kôkraxmôro, em março de 2018, tivemos a oportunidade de acompanhar um ritual de caça ao porco do mato. No dia 21 de março de 2018, pedi para um velho da aldeia me levar para pescar no rio Xingu. No final da tarde, saímos em direção esquerda da aldeia, acompanhados de outro indígena em outra rabeta. Logo após pescar o primeiro peixe, o homem avistou uma manada de porcos-do-mato e, ao avisar a aldeia do acontecido, uma “procissão” de rabetas e voadeiras, com muitos guerreiros, foram nos ajudar a cercar os animais.

O mais impressionante é que o abate de porco-do-mato na água foi um ritual e uma festa, a aldeia inteira veio acompanhar o desfecho do abate. Colocamos os animais nas canoas e os levamos para a beira do rio, e rapidamente os homens prepararam-nos. A caça foi dividida para algumas famílias, de modo que à noite mesmo eles já estavam comendo, haja vista ser uma caça muito apreciada.

Algumas mudanças que estão ocorrendo podem ser consideradas vantajosas, como a implantação de escolas nas aldeias, ainda que em condições precárias muitas das vezes, mas que possibilitam aos jovens acesso ao sistema educacional. No ano de 2018, já estava prevista a implantação do ensino médio na aldeia Kôkraxmôro e já há sinalização de implantação de uma escola na aldeia Moxkàràkô.

A presença do posto de saúde da Sesai nas aldeias pode ser considerado um ponto positivo, pois os indígenas dispõem de tratamento *in loco* e, quando o tratamento exige atenção maior, eles são levados em voadeiras e aviões para a cidade para serem atendidos nas casas de apoio nas cidades de Redenção, São Félix do Xingu e Tucumã. Na aldeia Kôkraxmôro, a enfermaria da Sesai foi recém-construída e está em ótimo estado de conservação.

A consolidação dos contatos permanentes com a sociedade nacional está produzindo uma vida cada vez mais sedentária. A construção de uma

---

<sup>7</sup> Embora na citação a referência seja feita aos Xikrin, a informação é válida para os Kayapó.

farmácia e de uma escola na aldeia, com paredes de tijolos e piso de cimento, é um dos impedimentos de mudanças frequentes na localização das aldeias. A existência de uma pista de pouso é outro impedimento (LEA, 2012, p. 44).

Em relação aos rituais, dá para verificar que já não são praticados como no passado, embora ainda sejam conservados alguns. As danças são as manifestações mais vistas nas aldeias e quando se apresentam nas cidades. No município de São Félix do Xingu, há seis anos, vem sendo realizada, no mês de abril, a semana dos povos indígenas, em que se concentra na cidade ou nas aldeias Kokraxmôro e Moxkàràkô um número grande de indígenas vindos das aldeias Mëbêngôkre/Gorotire e de outras aldeias Mëbêngôkre, além de muitas outras etnias do Brasil.

Nessa festa dá para ver que se juntam tradição e modernidade, pois, durante os dias em que ocorre, os indígenas realizam atividades que fazem parte dos seus modos tradicionais de vida, tais como dança, manifestações de ritual de preparação para guerra, arco e flecha e pinturas, ao mesmo tempo que vendem os produtos, resultado de seus trabalhos, tais como pulseiras de miçangas e pinturas. A venda desses produtos, assim como a participação das meninas em desfiles de beleza e jogos valendo prêmios, são mostras de que os tempos são outros.

Mas ainda é possível se vê atividades culturais e econômicas tradicionais nas aldeias. Uma dessas atividades é a colheita da castanha, que é praticada há anos pelos indígenas e que ainda permanece bastante presente. Nos meses da colheita, de dezembro a março, as famílias constroem aldeias provisórias nas proximidades dos castanhais e se mudam para lá. Quando estivemos em dezembro de 2018 na aldeia Moxkàràkô, percebemos que a aldeia fica deserta, porque a maioria das famílias se muda para os castanhais e só retorna ao término da safra.

Essa nova configuração nos hábitos e costumes dos Mëbêngôkre/Gorotire faz parte do processo de mudanças por quais passam as sociedades indígenas, cada vez mais adotando os modos de vida da sociedade branca. Inclusive, muitos indígenas adotam nomes de brancos, a ponto de se apresentarem com esse nome, o que parece ser mais um reflexo da adoção dos costumes da sociedade nacional.

## 6 Conclusão

Pelo que se pode perceber, a vinda dos Mëbêngôkre para o Norte do Brasil permitiu que esses se preservassem do ataque infligido pelos colonizadores. Por conta disso, conseguiram se manter em relativo isolamento até 1800, quando foram contactados na

margem esquerda do rio Araguaia. A descoberta do ouro nos anos 1980 e também a exploração da madeira fariam com que o afluxo de pessoas interessadas em explorar o minério entrasse em suas terras, o que provocou uma tensão permanente, desde então, entre os Mëbêngôkre e garimpeiros, madeireiros e demais invasores.

Apesar de a reserva Gorotire ser considerada grande aos olhos do capital econômico, se considerarmos que o modo de vida indígena requer que eles detenham a posse de grande extensão de terra para poderem preservar a manutenção de espécies animais e vegetais, que são essenciais para que possam manter sua subsistência, essa área acaba sendo bem menor do que deveria realmente ser.

Consideramos que, se não forem tomadas medidas para frear o ataque que as terras indígenas da reserva Gorotire vêm sofrendo, é possível que, em um futuro não muito distante, não existam indígenas vivendo em aldeias, pois esses, como já vem acontecendo, podem cada vez mais abandonar as suas terras e passar a residir em áreas urbanas dos municípios onde estão localizadas as aldeias.

É possível constatar uma realidade que já está em estágio bem avançado, que é a troca da língua nativa dos Gorotire pelo português, pois o frequente contato com a sociedade envolvente vem fazendo com que esses tenham interesse em aprender esta língua para estabelecerem relações com os não índios. Até mesmo a permanência de pessoas falantes de português nas aldeias contribui para isso. Se essa situação continuar, é provável que, em poucos anos, o percentual de falantes de Mëbêngôkre seja bem reduzido, em vista do que já aconteceu com outros povos, como o Parkatejê, do qual apenas uma pequena parcela da população fala a língua nativa.

## Referências

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 5 ed. São Paulo: Ática. 1997.

CALDEIRA, Jorge. **História da riqueza no Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

CEDI. **Povos indígenas no Brasil**. Belém: O Liberal, 1985. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Povos indígenas no Brasil**. São Paulo: JB/nº 122, 18/12/1990, p. 15. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

COSTA, Lucivaldo Silva. **Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)**. 2015. 358 p. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília: Brasília, 2015.

FUNASA. 2011. **Terra indígena Kayapó**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra\\_Ind%C3%ADgena\\_Kayap%C3%B3#cite\\_note-isa408-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_Ind%C3%ADgena_Kayap%C3%B3#cite_note-isa408-2)>. Acesso em: 7 mai. 2018.

LEA, Vanessa R. **Riquezas intangíveis de pessoas partíveis: os Mëbêngôkre (Kayapó) do Brasil Central**. São Paulo: EDUSP, 2012.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **A Amazônia no século XXI: novas formas de desenvolvimento**. São Paulo: Empório do livro, 2009.

TURNER, Terence. **Da cosmologia à história: resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó**. Cadernos de campo – n. 1, 1991.

\_\_\_\_\_. Os Mëbêngôkre Kayapó: história e mudança social. In: CUNHA, Manuela C. (org.). **História dos índios no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

UFPA. **Projeto de criação e implantação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)**. Gráfica: Belém, 2011. Disponível em: <[www.ufpa.br/campusmaraba/index/cache/.../UNIFESSPA\\_2011.pdf](http://www.ufpa.br/campusmaraba/index/cache/.../UNIFESSPA_2011.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2012.

## ANEXOS

Foto 1 – Aldeia Kôkraxmôro no rio Xingu



Fonte: Próprio autor.

Foto – Aldeia Moxkàràkô no rio Riozinho



Fonte: Próprio autor.